



## **TRAÇOS ORAIS EM TEXTOS ESCRITOS DOS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo de caso**

ORAL LINES IN WRITTEN TEXTS OF THE STUDENTS FROM 9TH GRADE OF  
ELEMENTARY SCHOOL: a case study

Renata Herwig Moraes Souza

### **RESUMO**

A pesquisa tem por objetivo observar as aulas de Produção Textual no 9º ano do Ensino Fundamental II, visando compreender o contexto em que essas produções são elaboradas, de modo a evidenciar se há presença de marcas orais na produção escrita dos sujeitos pesquisados. Este assunto é relevante, pois a temática surgiu pelas observações realizadas durante a docência nas aulas de Língua Portuguesa, nas quais foi percebida a necessidade de avaliar como a língua materna influencia na escrita dos alunos. Embora as orientações apontem para um ensino de produção textual pautado na perspectiva funcional, esse artigo vem abordar como a língua oral se insere na produção escrita. Para que este estudo seja realizado, a metodologia escolhida é o estudo de caso, com foco na pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo, porque são os métodos que se ajustaram ao propósito do trabalho. Assim, a presente pesquisa fundamenta-se em teóricos como Bortoni (2014), Fonseca (2009), Marcushi (2001), Perini (1989), Travaglia (1997), Turato (2003) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e Base Nacional Comum Curricular (2017). Nesse estudo, compreendemos a forma como os traços orais se inserem nas produções textuais dos alunos do 9º do Ensino Fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcas orais. Língua Materna. Produção Textual.

### **ABSTRACT**

The research aims to observe Textual Production classes in the 9th grade of Elementary School II, in order to understand the context in which these productions are elaborated, in order to evidence whether oral marks are present in the written production of the subjects studied. This subject is relevant, because the theme arose from the observations made during teaching in Portuguese Language classes, in which the need to evaluate how the mother tongue influences the writing of students was perceived. Although the guidelines point to a textual production teaching based on the functional perspective, this document comes to address how the oral language is part of written production. For this study to be carried out, the chosen methodology is the case study, focusing on bibliographic research and qualitative character, because it is the methods that fit the purpose of the work. Thus, this research is based on theorists such as Bortoni (2014), Fonseca (2009), Marcushi (2001), Perini (1989), Travaglia (1997), Turato (2003) and National Curriculum Parameters (1998) and Common National Curriculum Base

(2017). In this study, we understand how oral traits are inserted in the textual productions of 9th grade Elementary School students.

**KEYWORDS:** Oral marks. Textual Production. Mother tongue.



## INTRODUÇÃO

A escolha do tema traços orais em textos escritos dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II se deu pela experiência como o trabalho de docência em Língua Portuguesa e tutorias nas redes de ensino público, nas quais foi percebido a necessidade de reconhecer como a língua materna se manifesta na linguagem escrita dos educandos, pois mesmo em se tratando de alunos que estão em preparação para o Ensino Médio e que deveriam ter certo domínio da escrita, notou-se a presença de marcas da oralidade em suas produções textuais e com isso, enquanto profissional do ensino, é preciso entender os tipos de traços orais para saber o que é preciso ser trabalhado com esses alunos para mediar nesse processo, visando ampliar as produções.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) do Ensino Fundamental II, as práticas de linguagem são uma totalidade em que o educando expande sua capacidade de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução e isso ajuda no controle sobre o texto escrito. Ou seja, para a produção de bons textos é necessária uma prática de comunicação, porém esse é um ato que exige formas complexas de aprendizagem por parte dos falantes haja vista que a fala influencia na prática da escrita. Para Marcuschi (2008, p. 60) essa noção de linguagem aborda a concepção onde o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, e para isso, ele transporta essa mensagem para um código e a remete para o outro através de um canal.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 135), “[...] os conhecimentos sobre a língua e as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua”. Em relação ao contexto dessas práticas de linguagem, ficam em evidência os eixos de leitura, escrita e oralidade que favorecem que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.

Desse modo, para haver um ensino de produção textual, segundo Antunes (2009), é preciso reconhecer a língua como identidade cultural e social do educando. E que a escola, e em especial o professor de língua, observe a influência da oralidade nos textos escritos dos alunos, fazendo com que eles sejam capazes de refletir sobre as diferenças entre fala e escrita, orientando-os sobre a necessidade de adequar o uso da língua aos diversos contextos.

O trabalho tem como objetivo observar as aulas de Produção Textual do 9º ano do Ensino Fundamental II, visando compreender como é o contexto em que essas produções são

elaboradas e, ao final, analisar os textos produzidos pelos alunos, tentando verificar se há presença de traços orais que caracterizam a língua em uso na escrita desses alunos para, a partir disso, compreender como de fato as marcas orais são usadas nos textos, tendo como subsídio a intenção discursiva.

Nesta pesquisa buscou-se identificar quais os tipos de marcas de oralidade são mais presentes na escrita para serem trabalhadas e compreender o contexto e as propostas de ensino de produção textual em que os alunos estão inseridos e analisar os tipos de marcas orais mais constantes em seus textos e explorá-las durante o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa, em que atuo como docente da disciplina.

Segundo Gil (2009, p. 54) aponta, alguns propósitos desse método são: “a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; e b) preservar o caráter unitário do objeto estudado”. O estudo de caso é um método que busca conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação. Esse método nos ajuda a descrever a situação do contexto em que está sendo feita a investigação e, a partir daí, formular hipóteses para explicar o que causa determinado fenômeno.

Esse tipo de pesquisa se adequou ao objeto pesquisado, os traços orais nas produções textuais dos alunos, onde os referenciais teóricos ajudam a compreender como deve ser realizado o estudo, como explorar as situações da sala de aula para observar se há presença de marcas orais nos textos dos alunos e, a partir disso, analisá-los, buscando fazer com que os educandos compreendam o que elas são e que podem ser utilizadas, porém de acordo com a intenção discursiva, ou do gênero trabalhado, sabemos que cada gênero textual possui uma determinada estrutura seja ele oral ou escrito.

O estudo tem como foco a pesquisa bibliográfica será realizado com base em materiais já produzidos, constituídos principalmente de livros e artigos científicos que abordam o tema das marcas da oralidade presentes na escrita. Conforme Fonseca (2002, p. 32) apud Gerhardt e Silveira (2009), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos, páginas de websites”. Esse foco bibliográfico se adequou ao estudo, e os teóricos trazem reflexões e conceitos que auxiliam a entender como deveria ser o ensino de língua na prática de produção textual, também mostrando a realidade da sala de aula, onde na maioria das vezes a língua é trabalhada de forma equivocada, valorizando-se apenas os aspectos gramaticais do texto.

## As Faces da Língua Materna e sua relação com o ensino

A Sociolinguística estuda a língua e tem por objetivo relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e mostrar as diferenciações existentes na estrutura dessa mesma sociedade, ou seja, ela busca identificar os fatores que causam essa diversidade linguística produzida pelos falantes, a qual muitas vezes interfere na escrita dos usuários da língua, fazendo com que eles escrevam da mesma forma como falam.

Mattos e Silva (2012) apud Nogueira (2012) evidenciam que a grande mudança trazida pela Sociolinguística foi a concepção da língua como um sistema heterogêneo que consiste de vários recursos expressivos à disposição de seus falantes. Esses recursos correspondem às variações linguísticas, sendo, portanto, uma das formas de falar uma língua. O estudo da variação linguística mostra que não existe uma língua única, homogênea, como alardeiam os estudiosos da norma padrão, mas sim uma língua heterogênea que apresenta enormes variedades.

Percebe-se, então, a necessidade do ensino de língua materna que não se prenda somente à questão gramatical. Travaglia (1997) salienta que o ensino de língua materna tem por objetivo desenvolver a competência comunicativa do falante, ou seja, que ele seja capaz de utilizar a língua nas diversas situações de comunicação. O desenvolvimento dessa competência implica o conhecimento de duas outras competências, a gramatical e a textual. Essas duas competências são definidas da seguinte maneira:

A competência gramatical é a capacidade que todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas, isto é considerado por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão (...) A competência textual é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados (...) (TRAVAGLIA, 1997, p. 17-18, Grifos do autor).

Conforme Travaglia (1997) cita acima, fica claro que a competência gramatical se refere à capacidade que o falante tem de construir sequências linguísticas, enquanto a competência textual se refere à capacidade que o falante tem de produzir e compreender textos. Quanto maior for o domínio dessas capacidades, maior será o desenvolvimento dos alunos em produzir e compreender textos bem elaborados.

Desenvolver a competência textual do aluno se torna uma tarefa difícil. Porém, com a escola e confecção de um bom material, o professor que defende a língua materna em sala de aula consegue ensinar a produção textual, a gramática, o léxico, o gênero e desenvolver bem o

seu trabalho valorizando a língua em uso real. Porém, a gramática normativa ainda tem um espaço grande no ensino. No entanto, Perini (1989) aponta três falhas: a primeira é a falta de coerência interna desse material; a segunda é o caráter normativo, a gramática não busca em momento algum descrever as suas regras ou explicá-las; a terceira está no fato de a gramática centrar-se somente em uma variedade da língua, o dialeto padrão na forma escrita.

Segundo os apontamentos de Perini (1989), essas falhas acabam criando barreiras para o ensino da língua materna, o professor acaba sendo impedido de trabalhar de forma correta, uma vez que seu material o orienta a trabalhar sempre de uma mesma forma, valorizando apenas o caráter gramatical e deixando de lado o conteúdo do texto produzido.

Assim, cabe aos profissionais da educação perceber que deve-se trabalhar a gramática, mas também é preciso valorizar que o educando já domina uma parte da gramática da sua língua. Sendo assim, o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula deveria partir da própria linguagem dos alunos, dos conhecimentos gramaticais que os mesmos já possuem, para então ser aprofundada. Como pontua Neves (2002, p. 226):

(...) o tratamento funcional da gramática, que trata a língua na situação de produção, no contexto comunicativo. Basta lembrar que saber expressar-se numa língua não é simplesmente dominar o modo de estruturação de suas frases, mas é saber combinar essas unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos de comunicação e às condições de interlocução. E tudo isso se integra na gramática.

Neves (2002), nos faz compreender que o ensino da gramática não consiste no ensino apenas das estruturas da língua como vem acontecendo, analisando palavras soltas que não fazem sentido para os alunos. Esse ensino deve ocorrer no momento de interação entre os alunos e professores, não deve ser ministrado como algo separado do ensino da Língua Portuguesa, em determinado momento estuda-se a Língua e em outro a gramática. Língua e gramática estão intimamente ligadas, ambas andam juntas, uma complementa a outra.

Podemos perceber essa mudança que Neves aponta através da comparação do trabalho com o texto segundo o PCN e atualmente conforme a BNCC. De acordo com o PCN, os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero, podendo ser oral ou escrito. Já a BNCC assume a o texto como unidade de trabalho de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos. Ou seja, houve um avanço

enorme, antes o texto era resultado da interação e atualmente o texto é trabalhado de acordo com o contexto de produção dos seus falantes.

Nota-se que nos textos dos alunos há muitas marcas de oralidade. Mesmo sendo estudantes do Ensino Fundamental, verifica-se nessas produções textuais que, apesar de já terem certo domínio da escrita, ainda assim levam para os textos características próprias da fala. Por isso, é preciso abordar teorias que envolvam fala e escrita, sem esquecer que essas duas modalidades do sistema da Língua Portuguesa possuem características próprias.

Marcuschi (2001) destaca que a fala seria uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos que não necessita de nenhum aparato a não ser o próprio ser humano para a sua execução. A escrita também pode ser um modo de produção textual discursiva para fins comunicativos, mas que necessita de recursos para sua materialização. Já Perini (2004) expõe que há duas maneiras de diferenciar a fala da escrita, a fala é espontânea em face da escrita. De modo geral, a língua escrita é considerada a correta, a mais bonita, enquanto a língua oral é conceituada como a errada, a que não segue os padrões.

Nessa reflexão sobre a oralidade e a escrita, percebe-se que saber comunicar-se bem é saber transformar ideias e sentimentos em palavras na forma adequada, compreendendo e fazendo-se compreender, pois a comunicação é uma via de duas mãos, em que é preciso ler e ouvir, falar e escrever. Entende-se que, assim como a língua escrita, a língua oral também contém regras. A diferença é que a língua falada nos parece mais fácil pelo fato de a aprendermos no cotidiano, enquanto a língua escrita é aprendida em sala de aula, o que pode torná-la menos atrativa.

Perini (2003) afirma que não escrevemos o que falamos e nem falamos como escrevemos porque não tem muito sentido e é impossível, segundo o autor, quando utilizamos a fala, organizamos frases visando a facilitar a compreensão do ouvinte. No entanto, na maioria das vezes, essas frases não são aceitas na escrita, que é regida pela gramática normativa.

Portanto, apesar de ambas as linguagens terem características diferentes, percebe-se que, no meio educacional, há uma preocupação maior com a escrita correta, enquanto a fala goza de maior liberdade na hora de se expressar. A escrita não pode ser desvinculada da oralidade, as experiências adquiridas através da fala influenciam de muitos modos a escrita.

Então, mesmo que ambas sejam distintas, fala e escrita estão interligadas, o modo como falamos influencia a maneira como escrevemos. Contudo, nem tudo que falamos é adequado para a escrita, pois a linguagem usada no cotidiano geralmente é informal e coloquial, uma vez que lidamos com pessoas conhecidas, sem nos preocuparmos com o formalismo, com certo ou errado.

Por isso, o trabalho com a variação linguística é necessário tanto na oralidade quanto na escrita, porque na sala de aula há alunos que exibem na fala a presença de variações linguísticas, mas que têm domínio da língua padrão e escrevem corretamente. Porém, também há alunos que usam as variações na fala e escrevem da mesma forma como falam.

É importante estar ciente de que a intervenção do docente não pode ser de forma inconsequente, tratando as variações como desvios da norma padrão, mas mostrando aos discentes que eles podem falar de diferentes maneiras, sem que a norma padrão seja exigida, mas que na escrita precisamos estar atentos às normas, escrevemos não somente para que nós possamos entender, mas para que outras pessoas também entendam.

Para isso acontecer, é necessário que o professor faça uma intervenção e que, mesmo que seus materiais foquem na questão normativa da língua, passe a usá-los com a perspectiva do ensino de língua materna, valorizando o texto e a língua materna utilizada pelos educandos em sala de aula, o maior instrumento de ensino não são os livros didáticos e sim os professores, é por meio deles que são transmitidos os conhecimentos. Nesse sentido, o tópico a seguir, o tópico a seguir destaca a duas práticas de linguagens como aspectos dialógicos no tratamento como a língua, justamente por serem práticas que estão presentes em contextos de uso.

### **Fala e escrita: uma relação dialógica nas práticas textuais**

A oralidade e a escrita são práticas discursivas inerentes a diferentes contextos sociocomunicativos. O domínio dessas práticas discursivas é importante para que os alunos possam construir e produzir o seu conhecimento e, assim, participar e interagir na sociedade de forma ativa, exercendo plenamente a cidadania. De acordo com Marcuschi (2010, p. 36), “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa”. Portanto, é preciso desenvolver atividades com textos orais e escritos em sala de aula para que se ajude o aluno a melhorar a sua oralidade e conseqüentemente isso refletirá na sua escrita.

Antes de abordarmos a análise em si, é pertinente entender questões de oralidade e escrita. Na oralidade, busca-se transmitir e materializar as ideias através da fala, que é um meio de comunicação anterior à escrita. Antes do surgimento da escrita, os seres humanos transmitiram seus conhecimentos oralmente por várias gerações, de modo espontâneo, o falante não planeja seu discurso, que pode variar de acordo com o contexto comunicativo. Geralmente adquirimos a oralidade no dia a dia em casa, em meio familiar.

A fala é, na construção do conjunto de elementos que compõem a organização linguística humana, o elemento final e material. O indivíduo possui a capacidade de linguagem, teve a oportunidade de aprender a língua de seu povo e, no contato com os outros indivíduos em sua coletividade, em seu grupo social, materializa esse conhecimento em forma de fala. A fala é a realização voluntária do conhecimento linguístico e da interação entre os indivíduos (MILANI, 2011, p. 89).

A fala é, portanto, a materialização, o elemento final do conhecimento linguístico desenvolvido através da interação com outros indivíduos. Adquirimo-la através da interação e criamos uma maneira própria de falar que é influenciada pelo meio ao qual pertencemos. A escrita, por sua vez, mantém contato entre escritor e leitor, sendo construída de forma mais objetiva, com atenção e obediência às normas gramaticais, sendo caracterizada por frases bem elaboradas, pela clareza e pelo uso de sinônimos que evitam a repetição de palavras. Por ser um meio de comunicação mais complexo, é adquirido e desenvolvido no ambiente escolar.

De acordo com essa linha de raciocínio, Milani (2011) ressalta que a escrita é um sistema diferente de signos, que tem por objetivo retratar a língua de forma linear e estática. Porém, nenhum modo de escrita está apto a impedir que a língua falada deixe de ser significativa.

Apesar de ambas as linguagens terem características diferentes, percebe-se que, no meio educacional, existe uma preocupação maior com a escrita correta, enquanto na fala há uma maior liberdade de expressão. De todo modo, a escrita não pode ser desvinculada da oralidade, pois as experiências adquiridas através da fala influenciam de muitos modos a escrita.

A escrita é uma atividade humana que exige um cuidado na sua prática, e a escola é a instituição responsável por orientar e trabalhar nos conteúdos de Língua Portuguesa essas questões. Pode-se afirmar que, com a prática da fala, desenvolvemos potencial crítico diante da realidade, o que proporciona o questionamento e reflexão no indivíduo sobre a sua própria maneira de falar.

A fala é a forma de enriquecimento da memória e do conhecimento sobre os mais variados assuntos sobre que se podem escrever. A forma de falar varia de pessoa para pessoa, isto é, quando a utilizamos apenas para o dia a dia, ela passa a ser espontânea, não fazemos esforços para falar corretamente.

Fala e escrita estão interligadas, o modo como falamos influencia a maneira como escrevemos. Porém nem tudo que falamos é correto escrever da mesma forma, a linguagem usada no cotidiano geralmente é informal e coloquial, já que lidamos com pessoas conhecidas

sem nos preocuparmos com o formalismo ou com certo ou errado, consideramos como essencial apenas nos comunicar.

Já a linguagem utilizada na escrita é pensada e planejada, é algo que precisa ser completo, tendo início, meio e fim, para que quem leia consiga compreender a mensagem a ser transmitida. A BNCC ainda reforça isso quando aborda que os textos são produzidos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto, produção e circulação e utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas. Ou seja, nessa nova visão, compreendemos que a escrita é algo planejado, construído em etapas. Tanto na oralidade como na escrita devemos utilizar a linguagem adequando-a a um determinado contexto. A escrita também pode adequar-se a casos específicos.

As marcas da oralidade presentes nos textos dos alunos podem ser resultado da falta de adequação à situação de uso. E devido ao ensino de Língua Portuguesa ser tratado como se fosse somente a gramática, trabalha-se na escrita a produção textual, interpretações de textos e leitura silenciosa. A fala raramente é trabalhada dentro da sala de aula e, quando isso acontece, é de forma errada, criticando a maneira como os alunos falam. Bagno (1999) afirma que é preciso ensinar a ortografia, mas sem esquecer que existem as variações na língua.

(...) é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer Bunito ou Bonito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular! (BAGNO, 1999, p. 52-53).

Por meio do pensamento de Bagno (1999) vimos que é preciso compreender que não é errado ensinar as regras gramaticais, mas é necessário sempre deixar claro ao educando que muitas vezes falamos a palavra de uma forma e escrevemos de outra para que se mantenha um padrão onde todos consigam ler e compreender, e que a língua é falada por diferentes pessoas que pertencem a outros meios sociais que influenciam na maneira de se relacionar oralmente.

Ante o que foi exposto no artigo, vimos que o trabalho com a língua materna na escola ainda precisa ser ampliado cada vez mais no sentido valorização dos traços orais do aluno, não como marca desprestigiada, mas sim como fatores que enriquecem a nossa língua. Nesse sentido, aprender língua materna é tão relevante quanto aprender gramática, ao passo que os

pesos e medidas forem iguais não teremos mais o preconceito linguístico que tanto afeta as salas de aula do nosso país.

Na pesquisa, acredita-se que o direito que é dado para aos alunos aprenderem a norma padrão deve ser o mesmo para o ensino da língua materna, ou seja, ainda se faz oportuno ensinar aos alunos o porquê de muitas vezes falarmos de uma forma e escrevermos de outra, bem diferente.

A fala nos dá liberdade de expressão e conta com alguns recursos comunicativos como a entonação da voz, as expressões do rosto, os gestos, o que faz com que o interlocutor seja capaz de compreender o que o falante quer dizer. A escrita, porém, não conta com esses recursos. O leitor entende somente o que está no papel através da pontuação e da escolha correta de palavras. Só através desses meios será possível compreender a mensagem.

É fundamental que o estudante aprenda sobre a linguagem verbal e sobre os contextos sociais nos quais ela pode se aplicar. A formação do indivíduo enquanto falante está além da sala de aula, mas é dentro dela que os profissionais da educação podem intervir, se o estudante é capaz de refletir sobre suas atitudes, ele também pode refletir sobre os fatores que envolvem a língua, seja ela escrita ou oral.

A partir dessa perspectiva, o nosso trabalho parte da ideia de que, mesmo a oralidade e a escrita, mesmo sendo duas linguagens diferentes, elas podem fazer parte uma da outra. Acreditamos ainda que a fala influencia mais na escrita do que a escrita na fala, por ser utilizada mais frequentemente no dia a dia dos alunos e dos indivíduos de um modo geral. =

### **Representações das Marcas Oraís Localizadas nos Textos Escritos dos Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental**

Para a realização deste trabalho, observamos 10 aulas de Produção Textual realizadas no início de agosto, com a turma do 9º do Ensino Fundamental em uma escola da rede estadual de porte pequeno que atende aos alunos de 6º ao 9º ano, no turno vespertino. O professor regente trabalhou o conteúdo Artigo de Opinião. No início da aula houve a leitura compartilhada do texto “Jovens e Novas Tecnologias” para fazer com que os alunos reflitam sobre o gênero a ser estudado e identifiquem a opinião presente no texto. Em outro momento foi trabalhado o conteúdo acerca do gênero e retomado o texto trabalhado inicialmente, visando analisar os aspectos que o tornam um Artigo.

Após o trabalho com o texto e a compreensão do gênero, professor e alunos assistiram aos vídeos “Antes e depois da tecnologia” onde apareciam dois jovens mostrando como era a

forma de diversão, a postagem de foto e o dever de casa antes e depois do celular. O segundo o vídeo, “Jovens e o uso das tecnologias”, mostrava uma repórter em uma escola fazendo entrevistas com os jovens a respeito do uso do celular, se eles achavam que o celular os beneficiava ou prejudicava, e cada jovem tinha a oportunidade de expor seu ponto de vista e se justificar. O terceiro e último vídeo, “O vício da tecnologia”, traz a reportagem sobre duas jovens que estavam utilizando o celular o tempo todo e os pais começaram a desconfiar que aquilo estava se tornando vício. Após procurarem ajuda de um especialista, foi diagnosticado que ambas as jovens estavam viciadas no uso do aparelho e então, com apoio psicológico e com uso do celular controlado pelos pais, as meninas contornaram o problema e ao final é mostrado o relato delas sobre como se sentiram durante todo o processo pelo qual passaram.

Após assistirem aos vídeos e discutirem a temática de cada um em sala, foi proposto um debate onde o professor propunha uma questão a ser trabalhada: “O uso da tecnologia é algo bom ou ruim?” Então, a sala foi dividida em duas equipes, uma que era a favor e outra que era contra o uso da tecnologia, e o professor era mediador do debate. Somente na última aula foi feita a proposta de produção e os alunos produziram os textos.

Ao longo das observações, percebeu-se que o professor inicialmente introduziu o texto “Jovens e Novas Tecnologias” para fazer com que os alunos refletissem sobre o gênero, identificassem a opinião presente nele e se posicionem em relação ao texto, expondo a forma como eles utilizam a tecnologia, se é de forma positiva e/ou negativa, como pode ser feito um uso adequado desses recursos.

Após a realização da atividade inicial, foi introduzido o conteúdo acerca do gênero Artigo de Opinião através de slides, sendo trabalhado o conceito e as características presentes no gênero. Depois da apresentação do gênero, foi retomado o texto trabalhado inicialmente com os alunos, visando analisar as características que tornaram o texto estudado um Artigo, mas acredito que antes de inserir o conteúdo, poderia ter sido trabalhado o texto de forma a instigar o aluno a perceber as características do gênero dentro do próprio texto, para só então trabalhar o gênero textual em questão.

Conforme foi trabalhada a leitura, discussão e análise do texto “Jovens e Novas Tecnologias”, os alunos assistiram a três vídeos e foi proposto pelo professor regente um debate onde o professor era o mediador e propunha uma questão a ser debatida: “O uso da tecnologia é algo bom ou ruim?” A sala foi dividida em equipes conforme as opiniões que podiam ser a favor ou contra o uso da tecnologia.

O debate foi algo produtivo, pois através dos vídeos e dos artigos discutidos, as equipes foram traçando em uma folha os argumentos para defenderem o seu ponto de vista.

Segundo Koch (2002, p. 10), “o ato de argumentar é visto como o ato de persuadir que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas”. A proposta do debate é justamente essa, fazer com que esses educandos saibam persuadir os outros de que estão corretos.

Durante a aula foi apresentada a proposta de produção textual, onde o professor retomou alguns aspectos defendidos durante o debate e expôs que o tema da Redação seria “A tecnologia na nossa sociedade é algo que contribui ou prejudica para o bom desenvolvimento das pessoas?” Mediante as temáticas que já haviam sido trabalhadas e debatidas em sala de aula, os alunos foram levados a refletir sobre essa perspectiva do uso da tecnologia, se é positiva ou negativa.

Os alunos escreveram os rascunhos e em seguida transcreveram para a folha que lhes foi entregue. As produções escritas foram recolhidas e em seguida foram selecionados cinco textos. A seleção se deu da seguinte maneira: aqueles educandos que participaram de todas as etapas das aulas até a conclusão da Redação foram selecionados. Após a seleção de textos, foram verificadas quais as marcas orais utilizadas pelos alunos em suas respectivas produções, percebendo se a língua materna influencia ou não na escrita dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Para compreendermos melhor a tabela, se faz pertinente entendermos os tipos de marcas que aconteceram com maior frequência nos textos, a primeira é “Traços de subjetividade”, que dizem respeito ao sentimento de cada pessoa, como a sua opinião sobre determinado assunto. O segundo são “Gírias, expressões orais e clichês”, que são as palavras que entram e saem da moda de tempos em tempos e que variam dependendo dos grupos sociais. O terceiro, “Diálogo com o leitor”, é quando o autor do texto insere perguntas ou reflexões para poder fazer com que o leitor reflita e interaja com o escritor. O quarto, “Inadequação morfosintática”, consiste nas elaborações de orações que deveriam ser corretas gramaticalmente, porém que apareceram de forma incorreta. O quinto, “Uso de marcadores conversacionais”, são elementos que se prestam à demarcação do diálogo, à ligação entre unidades comunicativas e marcam troca de turno, fim da elocução, correção de falhas, mudança de tópico. O sexto, “Repetição”, é o ato de repetir palavras que já foram citadas anteriormente. O sétimo, “Escrita fonética”, é todo aquele sistema de escrita que se baseia na representação dos sons da fala, ou seja, o educando escreve da mesma maneira como ele ouve o som da palavra.

Bortoni-Ricardo (2005), em seu trabalho, apresenta algumas categorias de “erros” decorrentes da oralidade. A autora aponta quatro categorias: 1) Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita; 2) Erros decorrentes da interferência

de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado; 3) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais; 4) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas. Partindo dessas categorias, e de algumas identificadas na análise dos textos elencamos, agora o quadro abaixo que apresenta alguns tipos de marcas

	(...) quando <b>vão querer</b> <sup>6</sup> aprender a utilizar a tecnologia (...)
<b>Uso de marcadores</b>	(...) <b>dai</b> <sup>9º do Ensino Fundamental</sup> <b>confiamos nos recursos</b> (...)
<b>Topos de abertura</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Repetição</b>	<b>Gente</b> na expressão <b>gente</b> , <b>gente</b> que se prende a vida virtual (...) <b>Em minha opinião</b> que o tempo e o <b>que</b> temos (...) <b>Minha</b> razão de defender (...)
<b>Trços de subjetividade</b> <b>Escrita fonética</b>	( <b>Eu</b> penso que a <b>tecnologia</b> responde à questão) (...) para <b>mim</b> é algo ruim (...)
	Bom, <b>eu</b> acredito (...)
<b>Gírias, expressões orais e clichês</b>	(...) a nossa <b>bendita</b> tecnologia (...) (...)a tecnologia é muito <b>top</b> (...) (...) comparando com os <b>anos passados</b> (...) (...) aquelas de <b>antigamente</b> (...) (...)a medicina está bem avançada e <b>mil vezes melhor</b> (...) (...) quantas <b>curtidas</b> terão (...) (...) com quantos caras, <b>contatinhos</b> cada um tem (...) palavras <b>bobas, sem noção</b> (...)
<b>Diálogo com o leitor</b>	<b>Mas...será?</b> Realmente <b>a tecnologia nos beneficia?</b> (...) <b>como assim?</b> (...) Isso não <b>era para nos ajudar a comunicar melhor?</b> A tecnologia é <b>boa ou ruim?</b>
<b>Inadequação morfossintática</b>	(...) <b>que</b> <sup>1</sup> se voltarmos no tempo (...) (...) são os jeitos de <b>se</b> <sup>2</sup> comunicarmos (...) (...) a tempos <b>atrás</b> <sup>3</sup> (...) (...) ela nos <b>empresiona</b> <sup>4</sup> (...) (...) oportunidades de <b>melhoramento</b> <sup>5</sup> (...)

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>1</sup> Deveria ser: Porque se voltarmos no tempo.

<sup>2</sup> Deveria ser: são os jeitos de nos comunicarmos.

<sup>3</sup> Deveria ser: a tempos atrás.

<sup>4</sup> Deveria ser: ela nos impressiona.

<sup>5</sup> Deveria ser: oportunidades de melhorar.

<sup>6</sup> Quando querem se abrir.

## Escritos dos Alunos do 9º do Ensino Fundamental: Um Estudo de Caso, 2019

Esta tabela foi produzida com o intuito de apresentar os tipos de marcas de oralidade encontradas nas produções textuais analisadas. Observando-as, percebe-se que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental apresentam traços de subjetividade em seus textos (6 ocorrências) apesar de se tratar de um artigo de opinião, um tipo de texto dissertativo-argumentativo que requer uma linguagem mais objetiva, baseada em argumentos sólidos, na qual o emissor tem o compromisso de não se envolver. No entanto, os educandos apresentam o tema e o ponto de vista acerca do assunto, se colocando como “eu” no texto para enfatizar a sua presença.

Também utilizaram bastantes gírias, expressões orais e clichês (8 ocorrências), a fim de demonstrar os sentimentos, a própria realidade vivenciada pelo problema destacado no texto. Notou-se a presença do diálogo com o leitor (5 ocorrências), pois, ao longo das produções, aparecem perguntas sobre o tema, que mostram que os educandos têm o objetivo não apenas de expressar sua opinião, mas de fazer o leitor refletir também sobre o assunto.

Percebe-se que os discentes formam frases nos textos que não correspondem à norma padrão da língua escrita e sim da língua oral. Eles usaram com maior frequência a inadequação morfossintática (6 ocorrências), o que mostra que muitas vezes os alunos levam a estrutura da fala para a escrita.

Usaram certos marcadores conversacionais (1 ocorrência) que, para eles, serviram como meio para chamar atenção do leitor para a história em questão. Em alguns textos analisados, também houve a ocorrência de repetição de palavras (2 ocorrências), outra característica da linguagem oral. Em relação à escrita fonética, houve pouca presença no texto (1 ocorrência).

Portanto, após a análise dos textos, percebe-se que a oralidade segue certas unidades sintáticas que não são adotadas na língua escrita. Tudo indica que as unidades na conversação devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos.

Por meio dessa análise, observamos que, mesmo a escrita fazendo parte de uma categoria diferente da fala, uma pode interferir na prática da outra. São duas linguagens diversificadas, porém, pelo fato de não serem bem trabalhadas, a tendência é a mais usada influenciar a outra. No caso, a oralidade se faz mais presente nas produções escritas do que a escrita na fala.

Em suma, compreendemos que a língua oral transmite muitas informações que não precisam aparecer sob a forma de palavras, mas que precisam ser compreendidas pelo outro. O contexto situacional e os dados que falante e ouvinte conhecem um do outro permitem que as

informações sejam subentendidas. A compreensão dessas informações não depende apenas de uma decodificação dos componentes semânticos utilizados no enunciado, embora na língua escrita as informações precisem estar claramente apresentadas para evitar os problemas de compreensão.

## **Conclusão**

Através desta pesquisa, concluímos que o ensino de produção textual no 9º ano do Ensino Fundamental II tem ocorrido de forma a propiciar o trabalho com aspectos da língua oral e escrita que fazem com que os educandos reflitam sobre o uso de cada linguagem. Percebe-se isso pela presença de atividades diversificadas onde foram trabalhadas leitura e interpretação de texto, discussão sobre os vídeos assistidos, debates, para só então se produzir a Redação.

Ao ler e analisar as produções textuais dos alunos, percebe-se que é possível identificar nelas marcas da língua materna, tais como marcas de subjetividade, gírias, expressões orais e clichês, diálogo com o leitor, inadequação morfosintática, o uso de marcadores conversacionais, repetições e escrita fonética. Notou-se que a forma de falar dos alunos influencia a escrita deles, em muitos momentos no texto são apresentadas marcas típicas da fala.

É preciso que, ao ter acesso a essas produções e tendo identificado os traços orais, o professor em sala de aula busque explicar o que são essas marcas orais para os educandos, mostrando que não são erros na escrita, mas variações que são perfeitamente aceitas desde que utilizadas no momento correto, os gêneros orais também devem ser trabalhados em sala de aula visando valorizar a língua que o aluno traz consigo e mostrando que na escrita é preciso utilizar das normas para que todos consigam ler e compreender a informação.

Dentre os tipos de marcas de oralidade analisadas, verifica-se que alguns casos, como traços de subjetividade, gírias, expressões orais e clichês, diálogo com o leitor, inadequação morfosintática, houve maior ocorrência. Por isso, a essas deve ser dada uma atenção especial, esses são aspectos que devem ser abordados com os alunos para que se promova uma discussão sobre o assunto, onde os alunos compreendam que não há necessidade de levá-las para o texto escrito e que sempre é preciso estar atento ao que se escreve.

O estudo indica que muitas vezes os alunos levam traços orais para as produções escritas, o que é algo que nos faz perceber que a solução não está somente nas mãos do professor de Língua Portuguesa, embora na maioria das vezes ele seja responsabilizado por essa situação. É preciso que seja feito um trabalho interdisciplinar envolvendo todas as disciplinas, a leitura e escrita faz parte de todas as áreas do ensino. Então, isso precisa ser trabalhado não somente na

aula de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas, o aluno e o seu desenvolvimento são responsabilidade de todos os envolvidos.

O professor de língua materna não tem a solução para esse problema, mas cabe a ele interferir constantemente no processo de aprimoramento da modalidade escrita desses alunos, de modo que o preconceito linguístico seja evitado, mas que o aluno entenda que é preciso dominar a norma culta para as situações formais e perceba que a língua falada e a língua escrita são diferentes, que ambas precisam de adequação à situação de uso.

Compreende-se, portanto, que é papel do professor de Língua Portuguesa diversificar sua prática pedagógica, tornando-a interessante e eficaz. Ele deve realizar atividades de leitura de diversos gêneros textuais, exercitar o processo de escrita e reescrita de textos e oferecer oportunidade aos alunos de exercitar produções orais e escritas. Mas sempre antes de cobrar a escrita é necessário que os alunos compreendam que as marcas orais fazem parte da nossa vida, porém é preciso estar atento para não levá-la para escrita. Fazer uma boa leitura da produção ao final é uma dica preciosa, muitas vezes a oralidade já está tão inserida na nossa escrita que se torna algo inato à nossa percepção.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES. **Língua**, Texto e Ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz?. São Paulo: Loyola. (1999).
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental - MEC/SEF, 1998.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

, Luis Antônio. **Da fala para a escrita:** Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

, Luis Antônio. **Produção textual,** análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **Variação lingüística e ensino:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MILANI, Sebastiao Elias. **Historiografia-Linguística de Ferdinand Saussure.** Goiânia: Kelps, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. **Variação Linguística e Ensino de Língua Materna:** Algumas Considerações. ANAIS ELETRÔNICOS III ENILL Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura. 29 a 31 de agosto de 2012, Itabaiana/SE: Vol.03, ISSN: 2237-9908.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

, Mário. **Os dois mundos da expressão linguística,** 2003. In: PERINI, Mário. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

, Mário. **Para uma nova gramática do português.** São Paulo: Ática, 1989.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **Variação lingüística e ensino:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VAL, Maria da Graça Costa. **Língua, texto e interação:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.